

ISSN 2318-1729

**ENSINO DE HISTÓRIA, ESPAÇOS E CULTURA POLÍTICA
BANDEIRANTE: JOSÉ SCARAMELI E A ESCRITA DE LIVROS
ESCOLARES DE HISTÓRIA PARA CRIANÇAS¹**

**HISTORY OF TEACHING, CULTURE AND SPACES BANDEIRANTE
POLITICS: JOSÉ SCARAMELLI AND WRITING SCHOOL BOOKS OF
HISTORY FOR CHILDREN**

Magno Francisco de Jesus Santos

Professor de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, Brasil

e-mail: magnohistoria@gmail.com

DOI:

<http://dx.doi.org/10.26512/hh.v5i9.10986>

Recebido em 22 de novembro de 2016

Aprovado em 06 de março de 2017

RESUMO

Este artigo tem como escopo a discussão sobre a escrita da história para crianças no Brasil, a partir da experiência de Scarameli. Intelectual defensor dos ideais do movimento escolanovista, entre 1926 e 1934, Scarameli produziu um número significativo de livros escolares de História e de Moral e Cívica. Neste artigo, nos propomos a discutir como tais livros expressaram as estratégias de difusão de uma cultura política bandeirante e a construção de representações acerca dos estados brasileiros com um protagonismo paulista.

Palavras-chave: livros escolares; escrita da história; ensino de história, cultura política bandeirante.

ABSTRACT

This article is scope to discuss the writing of history to children in Brazil, from Scarameli experience. Intellectual proponent of the ideals of School movement, between 1926 and 1934, Scarameli produced a significant number of school history books and Moral and Civic. In this article, we propose to discuss how such books expressed the dissemination strategies of a pioneer political culture and the construction of representations about the Brazilian states of São Paulo with a role.

Keywords: school books; writing of history; teaching history, “bandeirante” political culture.

¹Esse artigo apresenta os resultados parciais do Projeto de Pesquisa “Lições de História Pátria: livros escolares e ensino de História para crianças na experiência de José Scarameli (1932)”, contemplado pelo Edital N° 03/2016 de Apoio Financeiro a Novos Pesquisadores. A ideia de trabalhar com essa temática surgiu a partir das discussões na disciplina “História do Ensino de História”, na graduação em História da UFRN, em 2016/1. Agradeço aos discentes da turma pelas provocações e inspiração.

INTRODUÇÃO

As crianças não têm a noção do passado, nem a de países, viagens, descobrimentos, etc. Poder-se-ia dizer, em linguagem vulgar, que o ensino não encontra o ponto de apoio no espírito infantil. É uma velha lei pedagógica a que manda partir do conhecido para o desconhecido, mas em tais crianças, tudo é desconhecido.²

No prefácio do livro “Pequenas Lições Pátria para a Infância nas Escolas”, José Scarameli apresenta um dilema que perpassa pela questão do ensino da disciplina. Ele não somente problematiza sobre qual seria a idade ideal para introduzir o ensino de história na formação das crianças, como também aponta para outra questão de grande relevância: como ensinar história para crianças. Certamente, esse desafio proposto pelo intelectual paulista nos idos de 1926, expressa uma inquietação que atravessou o tempo, tornando-se ponto de confluência entre as diferentes reformas curriculares no país ao longo dos decênios subsequentes. Do mesmo modo, apontou para uma discussão relevante acerca do papel atribuído ao ensino de história no processo de construção e reconstrução de identidades, tendo como foco o ensino para crianças.

Esse processo ocorria em duas frentes. De um lado, a escrita da história procurava fortalecer a ideia de unidade nacional, com a construção dos mitos de origem, de um passado de união e luta em defesa de interesses comuns. Como os títulos de suas obras de teor histórico já elucidavam, Scarameli defendia a escrita de uma história pátria. O Brasil, na condição de nação, era o grande protagonista da narrativa infantil. Por outro lado, essa história pátria voltada para crianças partia de um lugar, enaltecia o passado nacional a partir de um palco específico, com sujeitos que deveriam ser tidos como heróis. Trata-se de uma leitura paulista acerca do passado brasileiro. O paulista emerge como o protagonista na história do Brasil, ora aventurando-se na conquista dos sertões, ora assumindo o controle da política.

Com isso, percebe-se uma construção do nacional entendido a partir de um horizonte paulista. A Federação é interpretada pelo viés de uma unidade específica, da experiência histórica das elites paulistas e de seus mitos fundadores. Desse modo, os livros escolares podem ser vislumbrados como um instrumento de construção e difusão de uma

² SACARAMELI, José. *Pequenas Lições de História Pátria para a infância das escolas*. 31 ed. São Paulo: Saraiva, 1951, p. 7.

cultura política específica, na qual intelectuais e políticos paulistas dos anos 20 e 30 tentavam construir uma leitura comum do passado e forjar um projeto comum de futuro, ou no qual São Paulo emergia como o lócus da vanguarda.

Os usos do conceito de cultura política têm contribuído para a renovação das pesquisas históricas, especialmente ao propiciar o retorno da história política em uma perspectiva mais complexa e plural. Como bem salienta Berstein, a cultura política implica “em uma leitura comum e normativa do passado histórico com conotação positiva ou negativa (...) e supre ao mesmo tempo uma leitura comum do passado e uma projeção no futuro vivida em conjunto”.³ De acordo com Ângela Gomes, uma cultura política também inclui na cultura histórica o balanço historiográfico e a trajetória de conceito, de tratamento da literatura, ou seja, “são representações construídas por grupos sociais de dimensões variadas sobre sua própria história”.⁴

Neste sentido, a historiografia escolar pode ser vista como um importante instrumento de difusão dessas leituras comuns do passado e projetos de futuro. Sem reforçar a antiga discussão acerca do papel dos livros escolares como “como instrumento da antieducação, da dominação ideológica ou do cancelamento da autonomia do professor”,⁵ a compreensão da historiografia escolar a partir da concepção de cultura política pode elucidar uma leitura na qual se torne possível entender questões que extrapolem o universo da escrita da história e dos embates educacionais.⁶

Essa concepção reforça a relevância de compreender os livros escolares como fonte histórica. São registros de uma época, referendados por diferentes sujeitos imersos na questão do ensino, como educadores, historiadores, editores e políticos. Esses agentes ocultos no processo de construção e difusão de culturas políticas, são de fundamental importância para a constituição dos saberes escolares e a definição dos parâmetros de escrita. Os livros concatenam os interesses imersos de uma política pública da educação e delineiam uma cultura política.

³ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 351.

⁴ GOMES, Ângela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca; GOMES, Ângela de Castro. *Culturas Políticas e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 50.

⁵ MUNAKATA, Kazumi. O livro didático como indício da cultura escolar. *Revista História da Educação*, Porto Alegre, v. 20, n. 50, 2016, p. 121.

⁶ RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 13.

Diante disso, esse artigo tem como escopo compreender a escrita da história para crianças no período entre o final dos anos 20 e o início dos anos 30 do século XX, a partir da experiência de escrita de Scarameli. Trata-se de um período marcado por fortes transformações sociais, políticas e econômicas no Brasil, bem como delimita a emergência de um dos mais importantes movimentos intelectuais da educação brasileira, com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.⁷ A discussão tem como lastro documental os livros escolares de história produzidos por Scarameli, “Pequenas Lições de história pátria para a infância nas escolas”⁸ e “Lições de história do Brasil para o primeiro ano do curso primário”.⁹ São as duas principais obras de teor histórico produzidas pelo autor, voltadas para os primeiros contatos da criança com os conteúdos históricos. Essas fontes foram cotejadas pelas ideias apresentadas em outras obras do autor, como “Pequena Seleta de leitura moraes e cívicas”¹⁰ e “Escola Nova Brasileira”.¹¹ Certamente, o conjunto bibliográfico do autor elucida acerca do pensar a construção da narrativa em articulação com as novas ideias pedagógicas.

Por meio dessas obras se torna possível problematizar as estratégias de escrita da história para crianças no Brasil ao longo da primeira metade do século XX, além de reforçar a necessidade de entendimento dos livros escolares como instrumento na difusão de culturas políticas e alicerce para a edificação de culturas escolares. Nos livros escolares de história são perceptíveis os sinais da confluência entre uma renovação da pesquisa histórica e a influência dos embates pedagógicos. Neste sentido, a história ensinada tornou-se uma zona propulsora de novos olhares investigativos, margeados pelas inquietações oriundas tanto do campo pedagógico como do histórico. Por esse motivo, os mesmos apresentam um papel relevante para as discussões acerca da história do ensino de história no Brasil.¹² Por esse âmbito, os

⁷ José Scarameli foi um precursor e mostrou-se um entusiasta das novas ideias difundidas pelos intelectuais vinculados ao movimento escolanovista. Um indício consistente acerca desta aceção é a publicação da série de livros *Escola Nova Brasileira*, na qual discutiu questões como o esboço do sistema (Volume 1), as lições ativas (2), a transição entre a escola tradicional e a nova (3), a didática (4) e os testes (5). Cf. SILVA, Débora Alfaro São Martinho da. *José Scarameli: um bandeirante do ensino paulista na implementação e divulgação de uma didática e metodologia da educação nova para a infância brasileira*. São Carlos-SP, 226f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFSCar, 2013, p. 162.

⁸ SCARAMELI, 1951 [1926].

⁹ SCARAMELI, José. *Lições de história do Brasil para o primeiro ano do curso primário*. 5 ed. São Paulo: Brasileira, 1934.

¹⁰ SCARAMELI, José. *Pequena Seleta de leitura Moraes e Cívicas*. São Paulo: Zenith, 1926.

¹¹ SCARAMELI, José. *Escola Nova Brasileira: testes*. São Paulo: Zenith, 1931.

¹² MUNAKATA, 2016, p. 124.

livros escolares mesmo que por si só não possibilitem a compreensão das práticas de ensino, podem contribuir para uma leitura sobre os diferentes projetos atinentes à educação.¹³

As pesquisas acerca do ensino de história no Brasil emergiram no contexto do processo de redemocratização, nos idos da década de 80 do século XX. Para Circe Bittencourt, a emergência do campo de pesquisa atinente ao ensino não se constituiu um fenômeno exclusivo do Brasil, pois “ocorria em outros países indicando um momento de tensões e disputas em torno da História escolar”.¹⁴ A emergência das pesquisas no âmbito do ensino de história no Brasil resultou na constituição de uma área de estudos complexa, polissêmica, com uma ampla variedade de enfoques e permeada de lacunas. Para Itamar Freitas, “na verdade, não é tanto o pluralismo, mas o caráter fragmentário das iniciativas de investigação em termos espaciais, temporais e temáticos”.¹⁵

Diante disso, a proposta desse artigo elucida a compreensão da escrita da história em um período ainda pouco estudado, bem como tematiza sobre uma questão relevante de entender como o ensino de história para crianças foi pensado pelos intelectuais da primeira metade do século XX. Para isso, veremos como Scarameli esteve envolvido com as questões da educação brasileira e contribuiu para atender as demandas das políticas públicas de educação.

JOSÉ SCARAMELI E O ENSINO DE HISTÓRIA PÁTRIA

José Scarameli pode ser visto como um dos principais nomes da educação paulista na primeira metade do século XX.¹⁶ Sua trajetória é marcada pela formação na Escola

¹³ ZAMBONI, Ernesta. Panorama das pesquisas no ensino de História. *Saeculum: revista de História*, João Pessoa, n. 6/7, 2001, p. 106.

¹⁴ BITTENCOURT, Circe Fernandes. Abordagens históricas sobre a história escolar. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 1, 2011, p. 89.

¹⁵ FREITAS, Itamar. *História do Ensino de História no Brasil*. Vol. 2. São Cristóvão-SE: EDUFS, 2010, p. 8.

¹⁶ José Scarameli nasceu no ano de 1894, na cidade de Serra Negra, em São Paulo e faleceu em 1955. Era filho de Egdio Scarameli e Nelly Scarameli. Em sua trajetória, além das importantes obras publicadas em defesa da implantação das ideias escolanovista no Brasil, ele também participou de algumas “missões” de intelectuais paulistas na difusão das reformas educacionais no Brasil, com uma atuação em Pernambuco (1929-1931) e no interior paulista. Débora Silva entende esse movimento das missões de técnicos paulistas para outros estados (Paraná, Santa Catarina, Goiás, Pernambuco, Piauí e Sergipe) e países como bandeirismo. Neste artigo o termo bandeirante é utilizado em outra acepção, a da busca por um passado protagonizado pelos desbravadores paulistas, ou seja, seria uma cultura histórica bandeirante produzida por intelectuais e políticos paulistas dos anos 20 e 30. Cf. SILVA, Débora Alfaro São Martinho da. *José Scarameli: um bandeirante do ensino paulista na implementação e divulgação de uma didática e metodologia da educação nova para a infância brasileira*. São Carlos-SP, 226f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFSCar, 2013, p. 23.

Normal Secundária de São Paulo, entre 1914 e 1917, pela forte atuação na defesa da renovação do ensino¹⁷ e por uma vasta produção bibliográfica, voltada para a sistematização das ideias da escola nova e por livros escolares.

No tocante à produção de livros escolares é interessante perceber que os mesmos eram voltados para um público específico: as crianças. Scarameli tornou-se um exímio escritor de textos didáticos para o mundo infantil, para um público que ele mesmo reconhecia que “a tudo desconhecia”. Ressaltam-se entre essas obras, os textos com uma conotação voltada para a formação cidadã, com um teor histórico e cívico.

A história emergia com um desfile de heróis que deveriam ser vistos como exemplos dignos de serem seguidos. Talvez, por esse motivo, ele tenha intitulado seus dois principais livros de história de “Lições de história pátria”. A história era o instrumento de construção do patriotismo, de fortalecimento do civismo. Além disso, era também uma lição, uma preleção acerca de como o cidadão deveria comportar-se, realizar as suas escolhas. Neste sentido, é perceptível uma confluência de objetivos entre os livros de história e dos de moral e cívica. Em ambos os casos, destacava-se o propósito formador do patriotismo.

Possivelmente, a inspiração fundante desses elementos de uma história pátria tenha emergido em suas aulas na Escola Normal da Praça.¹⁸ No período de sua formação, a cadeira de história era ocupada pelo Professor Djalma Forja, enquanto as cadeiras de Pedagogia e Educação Cívica estavam com os professores Manuel Borges e Antônio Sampaio Dória.¹⁹ De acordo com Débora Silva, foi ainda na condição de aluno da Escola Normal que Scarameli iniciou suas atividades como escritor. Essa publicação, intitulada “A beira do túmulo”, teria sido apresentada na Revista “O Estímulo”, no dia 12 de setembro de 1914, ou seja, ainda no primeiro ano de estudos. Trata-se de um periódico escolar, voltado para a divulgação de textos dos alunos. O primeiro artigo produzido por Scarameli foi um necrológio em homenagem ao “lente da cadeira de História e ex-diretor da Escola Normal de São Paulo, José Estácio Corrêa de Sá e Benevides”.²⁰ Nesse texto o então normalista

¹⁷ARCE, Alessandra; BALDAN, Merilin. Coleção “Escola Nova Brasileira” de José Scaramelli (1931): primeiras aproximações. *Histedbr Online*. Nº 33. Campinas-SP, 2009, p. 264-275.

¹⁸MONACHA, Carlos. *A Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas-SP: Unicamp, 1999.

¹⁹SILVA, Débora Alfaro São Martinho da. *José Scarameli: um bandeirante do ensino paulista na implementação e divulgação de uma didática e metodologia da educação nova para a infância brasileira*. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013, p. 42.

²⁰SILVA, 2013, p. 58.

defende a sua concepção acerca do ensino de história, como “pedra angular do futuro de nossa Pátria”.²¹

Esse texto expressa uma preocupação atinente ao papel do docente no processo de formação da sociedade brasileira, como instrumento de transformação de “brutos em modelos de bondade”. A educação deveria exercer o protagonismo no processo de constituição de mundo civilizado, de uma população irradiadora de luz e livre dos vícios torpes. Outra questão relevante é a escolha do jovem aluno para produzir o texto em homenagem a um importante ator da Escola Normal, que já havia atuado inclusive como diretor da instituição. É importante lembrar que no início do século XX, a Escola Normal paulista era uma das principais instituições do estado, com a formação da elite intelectual paulista. Um indício disso é o fato de Scarameli ter sido companheiro de classe de Lourenço Filho, que posteriormente também se tornaria um dos principais expoentes da Escola Nova no Brasil e das reformas educacionais. Neste caso, a escolha de Scarameli para homenagear o ex-diretor elucida o seu destaque como aluno e intelectual promissor.

Esses valores patrióticos permearam a escrita de seus livros escolares. O livro “O Nosso Governo”, publicado nos idos de 1928, era tido como um “esplêndido compêndio de educação cívica destinado aos candidatos dos exames dos ginásios do Estado”.²² Era uma obra salutar para a formação de uma cultura cívica paulista, com a valorização dos governantes nacionais e estaduais. Além disso, o livro foi adotado pelo governo do Estado de São Paulo, para a leitura das turmas do 3º ano do ensino primário e, em 1934, a terceira tinha sido publicada com uma tiragem de 15 mil exemplares. A Editora Brasileira, nos idos de 1934, ao apresentar o autor, ressalta as virtudes patrióticas de sua escrita histórica:

Pequenas Lições de História Pátria para a Infância das escolas pelo prof. José Scarameli. Compiladas de acordo com o programa do segundo ano do curso primário das escolas paulistas. Este livro, escrito com meticoloso cuidado e sob a orientação pedagógica moderna, é única obra didática, destinada a infância, que expõe os fatos históricos relacionando-os e mostrando-lhes a sequência lógica, de sorte que a História Pátria constitui um todo e não, apenas, uma reunião de fragmentos, quase sempre inexpressivos e sem ligação uns com os outros. Fartamente ilustrado e de fácil compreensão, é um livro útil na escola, mas é, sobretudo, indispensável, nas casas de crianças brasileiras, cujos pais as queiram educar no amor da Pátria e nos sentimentos de brasilidade. Livro aprovado

²¹ SILVA, 2013, p. 58.

²² SCARAMELI, José. *O Nosso Governo*. São Paulo: Zenith, 1928.

e adotado, pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, para a leitura suplementar do 2º ano.²³

O anúncio das obras de Scarameli pelos editores elucidam questões relevantes, pois a estratégia de venda é permeada pela vinculação da obra aos anseios sociais acerca de um livro escolar de história. Afinal, o que se poderia esperar de um manual didático de história voltado para a formação de crianças? Quais eram as virtudes que poderiam destacar a obra de Scarameli entre os demais autores? Essas questões foram apresentadas e enaltecidas pelos editores. O livro de “Lições de História Pátria” aparece como uma obra inovadora, que corroborava com o propósito de formação de uma sociedade imbuída do sentimento de amor a Pátria. Vejamos as qualificações da obra.

O primeiro ponto ressaltado é o legal. Na capa e em vários momentos da apresentação e dos anúncios, os livros produzidos por Scarameli são apontados como obras que estavam de acordo com o programa de ensino das escolas primárias do estado de São Paulo. Neste caso, Scarameli mostrou-se está atento às normativas do campo pedagógico e às diretrizes das políticas públicas da Educação. Prova disso é a aprovação de seus livros para serem adotados pelo estado para a instrução da infância, como leitura básica ou suplementar.

O segundo ponto a ser ressaltado é o caráter pedagógico. Isso se deu em dois âmbitos. O primeiro, por meio da valorização da chamada pedagogia moderna. O livro enquadra-se nos valores defendidos pelo próprio autor acerca da introdução das ideias da Escola Nova no Brasil. Tratava-se de um livro escrito “com meticoloso cuidado e sob a orientação pedagógica moderna”. A outra questão refere-se a uma especificidade. Suas histórias foram escritas nomeadamente para crianças, pensadas como uma estratégia de inserção do mundo infantil no universo da leitura. A narrativa histórica está atrelada a uma pretensão de letramento, de alfabetização. Os elementos diferenciadores de uma obra de história para crianças eram enunciadas por meio de qualificações como “de fácil compreensão” e “fartamente ilustrado”.

No prefácio de “Lições de História Pátria para o primeiro ano do ensino primário”, Scarameli explicita as peculiaridades de um livro para crianças, no qual busca explorar a curiosidade, a capacidade sensorial e a imaginação. No seu entender:

Um livrinho de história do Brasil para o primeiro ano? – Não.

²³ EDITORA BRASILEIRA. Edições escolares. In: SCARAMELI, 1934.

A criança, que acaba de aprender a ler, gosta de folhear os livros que estão ao seu alcance para encontrar trechos fáceis de ser lidos.
E eu creio que ela aqui encontrará alguns pedacinhos não difíceis de decifrar.
Se gostará, não sei. Quem poderá penetrar a alminha infantil?!
O Autor.²⁴

O prefácio reforça os elementos apresentados pelos editores acerca dos elementos que deveriam nortear os livros escolares de história para o ensino primário, com ênfase para o uso de trechos que pudessem ser codificados facilmente. Outra característica importante e de grande relevância era a concepção acerca do encadeamento da narrativa histórica. Scarameli mostra-se preocupado com a possibilidade de se construir um discurso histórico fragmentado, frágil e, por conseguinte, desprovido de sentido histórico. O seu livro é apontado como inovador, o “único destinado a infância, que expõe os fatos históricos relacionando-os e mostrando-lhes a sequência lógica”. Ele busca conectar os fatos, criar uma ligação entre os diferentes episódios, atribuir um sentido à história. Neste caso, “de sorte que a História Pátria constitui um todo”. Com isso, a pátria é apresentada como um elemento natural, inquestionável, visível por meio da história e do mapa do Brasil, como pode ser observado nas Figuras I e II.²⁵

²⁴ SCARAMELI, 1934, p. 1.

²⁵ Figuras I e II: Mapa do Brasil e texto explicativo sobre o Brasil. Cf. SCARAMELI, 1934, p. 10-11.

O BRASIL



Mapa do Brasil

Aquí está o mapa do Brasil.
 Que bonito mapa!
 Cada pontinho preto é uma cidade.
 A cidade é um município.
 Muitos municípios reunidos formam um Estado.
 Os Estados reunidos formam o Brasil.
 O Brasil está na América do Sul.

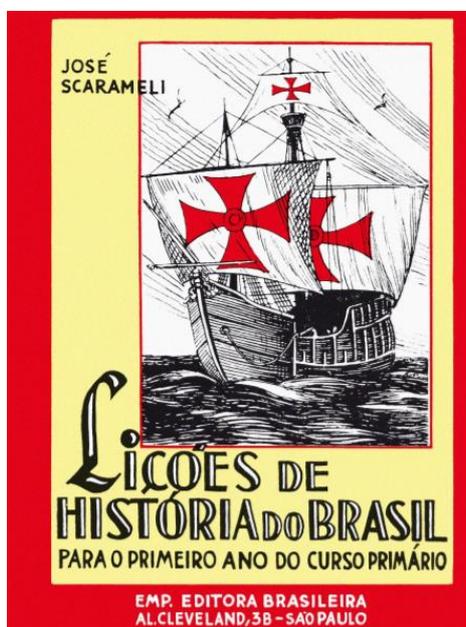
A apresentação do Brasil ocorre em página dupla, na qual primeiramente expressa a imagem do mapa e na página seguinte descreve o que seria o país. Essa tática revela uma tentativa de construir uma visibilidade para o Brasil. O país é revelado pelo seu mapa, sem conexão com as sucessivas transformações históricas. O mapa aparece como um mito, um elemento a-histórico, naturalizado. O país é identificado geograficamente e não construído. Além disso, o autor busca transformar uma visibilidade em uma dizibilidade.

Parte do mapa para explicitar o que era o Brasil. É importante salientar que essa estratégia é repetida ao longo de todo o livro, no qual os atores históricos são apresentados inicialmente por meio de um registro fotográfico e posteriormente com a descrição dos seus feitos. Partindo dessa acepção, é plausível afirmar que o mapa exerce o papel fotográfico. Por esse motivo ele afirma categoricamente “que bonito mapa!” neste sentido, o patriotismo partiria do despertar do sentimento de identificação do mapa e de sua beleza.

Outra questão relevante é atinente à valorização de uma perspectiva federalista. Scarameli mostra o Brasil como um todo, o resultante de uma soma das partes (os estados), que por sua vez era também resultado da soma dos municípios. Por esse ângulo, a propositura descritiva do autor coaduna com a pedagogia moderna, na qual deveria partir do

conhecido para o desconhecido, da parte para o todo. O Brasil seria então o resultado de um esforço federalista.

Contudo, neste processo somatório de integração, o livro expressa um elemento inquietante. José Scarameli afirma que o Brasil *está* na América do Sul, mas não afirma o que seria a mesma e nem elucida que o Brasil *é* da América do Sul. O elemento sul-americano aparece como uma questão transitória, pois até mesmo o mapa não revela a presença dos vizinhos, apresentados de modo amorfo. Neste sentido, o passado da pátria é costurado ao mundo europeu, mais precisamente a Portugal. A capa do livro já elucida essa ideia de história pátria como uma narrativa das aventuras portuguesas no mundo americano. O Brasil é tido como a continuação da história de Portugal. Observe a Figura III.²⁶



A caravela em preto e branco, com a cruz de malta em vermelho ressalta um protagonismo português na história do Brasil. Todavia, o fomento ao patriotismo é tecido por meio de uma narrativa que busca defender um caráter lógico, associando a pátria, os brasileiros e o sentimento de amor. As lições de amor à pátria são sintomáticas ao longo de todo o texto. Observe a descrição:

O Brasil é a nossa Pátria
Quem nasce no Brasil é brasileiro.

²⁶ Figura III: Capa do Livro de José Scarameli da edição de 1934, pela Editora Brasileira. Cf. SCARAMELI, 1934.

Todos os meninos da escola nasceram no Brasil.
 São todos brasileiros.
 Eu nasci no Brasil.
 Eu sou brasileiro.
 O Brasil é a nossa terra.
 O Brasil é a nossa pátria.
 Os brasileiros são patriotas
 Todos os brasileiros amam o Brasil.
 Todos os brasileiros amam a pátria.
 Quem ama a pátria é patriota.
 Os brasileiros são patriotas.
 Eu amo o Brasil.
 Eu amo a minha pátria.
 Eu sou patriota.
 Viva a pátria!
 Viva o Brasil!²⁷

Destaca-se no texto o uso do pronome “nosso”, como instrumento de coligir um sentimento de pertença. Trata-se de nossa terra, nossa pátria, minha pátria. O coletivo que integra o Brasil e o cultua. A pátria cultuada e amada, também apresentava um retrato, a bandeira nacional.

A Bandeira Brasileira
 Nós conhecemos a Bandeira Nacional.
 A bandeira é o retrato da pátria.
 Quando a bandeira passa, no meio dos soldados ou dos escoteiros, todos tiram o chapéu.
 As pessoas que estão sentadas levantam-se.
 Quando passamos em frente da bandeira também tiramos o chapéu.
 A Bandeira Brasileira representa o Brasil.
 A bandeira é o símbolo da pátria.²⁸

Essa mesma ideia de grupo está presente na apresentação sobre o hino. Se a bandeira era tida como o retrato do país, a configuração visível de mostrar a pátria, o hino emergia como o canto das belezas do Brasil, a forma perspicaz de constituir uma dizibilidade.

O Hino Nacional
 Aos sábados cantamos o Hino Nacional.
 Que lindo hino!
 Todos os alunos do grupo escolar se reúnem numa sala e cantam belos hinos.
 O que eu acho mais belo é o Hino Nacional.
 Você já sabe ler.

²⁷ SCARAMELI, 1934, p. 20-21.

²⁸ SCARAMELI, 1934, p. 53.

Leia o nosso lindo hino.²⁹

Na discussão sobre o hino o texto aparece em forma de diálogo, mas com uma orientação visível acerca das práticas do cotidiano escolar. O autor elucida sobre as práticas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, mesmo sabendo que nem todos os alunos do ensino primário estudavam nesse tipo de escola. Isso revela uma preocupação em revelar um modelo ideal de ensino, reformador, na escola tida como a vanguarda da educação brasileira. Outra questão importante é a informação de que todos os alunos já sabem ler, mostrando que ao final do primeiro ano do curso primário os alunos já deveriam saber ler e terem a habilidade de ler textos mais extensos como o do Hino Nacional.

A assertiva de carameli mostra-se totalmente voltada para a construção de um sentimento patriótico. Por ordem lógica, seria praticamente impossível um brasileiro não ser patriota, não amar o seu país ou não compartilhar esse sentimento de congraçamento sistêmico. Utilizando-se de frases breves e de um raciocínio lógico, o autor envereda por uma ordem na qual não há espaço para a dúvida, para o questionamento. Nascer no Brasil seria o invólucro do patriotismo. A história pátria da escola nova proposta por Scarameli seria, paradigmaticamente, a assertiva inquestionável, inviolável e natural.

OS DIFERENTES ESPAÇOS NO ENSINO DE HISTÓRIA PÁTRIA

Percebemos como a escrita da história para crianças de Scarameli buscava atender a um preceito voltado para a construção de um sentimento patriótico. Contudo, o êxito do ensino de história não dependeria exclusivamente de uma renovação na escrita e na apresentação dos conteúdos. O autor acreditava e defendia a ideia de que a renovação da educação brasileira deveria passar por uma ampla discussão acerca da didática, da prática docente do professorado nacional. Ao apresentar o volume sobre a didática de sua coletânea “Escola Nova Brasileira”, Scarameli defendeu de forma categórica:

Sou dos que pensam que um professorado, sem solida base didática, não poderá cumprir a missão que lhe incumbe com a proficiência necessária. A maioria dos fracassos do nosso ensino senão todos têm suas raízes no terreno mal acanhado pela didática.³⁰

²⁹ SCARAMELI, 1934, p. 46.

³⁰ SCARAMELI, José. *Escola Nova Brasileira: didática*. São Paulo: Zenith, 1931, p. 7.

A transição entre a escola tradicional e a escola nova deveria ter como fulcro a renovação didática, a preparação dos professores, como iniciativa para aniquilar o fracasso escolar. Esse discurso condiz com a trajetória do autor, marcada pelas excursões em Pernambuco, nas escolas do interior paulista e até mesmo na direção de inúmeros grupos escolares em seu estado natal.³¹ Contudo, essa postura didática, além de implicar na forma de apresentar os conteúdos, refere-se também na seleção dos mesmos. Isso se dar tanto no âmbito do ensino, como no processo de escrita da história. Margarida Oliveira alerta sobre a questão de que “a história escrita é um recorte desse passado, não por incompetência dos profissionais de História, mas porque este é objetivo da produção do conhecimento histórico: problematizar o passado”.³²

Esse recorte expressa interesses do tempo de escrita, do grupo ao qual o autor encontra-se vinculado, as demandas contemporâneas. Tudo isso explicita competências para orientar a vida prática ou competência narrativa da consciência histórica. De acordo com Jörn Rüsen, a consciência histórica “é a capacidade das pessoas de constituir sentido histórico, com a qual organizam temporalmente o âmbito cultural da orientação de sua vida prática e da interpretação de seu mundo e de si mesmas”.³³

No caso da escrita de Scarameli, percebe-se a história como um instrumento de construção de uma consciência histórica da pátria, do lugar. O passado é utilizado para unir, revelar os vínculos, imprimir uma unidade nacional. Os tempos pretéritos são apresentados como lições para a formação de uma consciência cidadã e patriótica, na qual a Pátria se torna protagonista da história, assim como os homens da política são tidos como os heróis de um passado que necessitava ser recuperado. Além disso, a narrativa sobre o passado transmuta-se em instrumento para revelar diferentes ângulos e escalas do espaço brasileiro. Imagens do mapa do Brasil e de símbolos nacionais são utilizadas como instrumento para reforçar a construção de uma identidade nacional.

Entretanto, os símbolos nacionais não são apresentados como mais um elemento a ser memorizado, identificado. Eles são apresentados com uma atribuição de sentido, por

³¹ SILVA, Débora Alfaro São Martinho da. *José Scarameli: um bandeirante do ensino paulista na implementação e divulgação de uma didática e metodologia da educação nova para a infância brasileira*. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

³² OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. Introdução. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (Org.). *História: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, 2010, p. 10.

³³ RUSEN, Jörn. *História viva: teoria da história III – formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UNB, 2010, p. 103-104.

meio da construção de uma consciência histórica acerca do Brasil. Um caso elucidativo é a discussão sobre o Distrito Federal, explicitada por meio da análise da bandeira nacional.

O Distrito Federal
Na bandeira do Brasil estão 21 estrelinhas.
Cada estrelinha representa um Estado.
Então o Brasil tem 21 Estados?
Não. O Brasil só tem 20 Estados.
E porque estão na bandeira 21 estrelinhas?
A última estrelinha representa o Distrito Federal.
Porque se chama Distrito Federal?
Porque é lá que está a capital do Brasil.³⁴

A relação entre o todo e as partes novamente é utilizada como recurso metodológico para explicar e construir sentido na aprendizagem. Mas esse sentido perpassa pela construção imagética dos diferentes espaços que constituem o território brasileiro. Scarameli valoriza o país na qualidade de nação, mas tenta aproximar o aluno do conteúdo a partir da inserção de uma realidade microscópica, com um recorte estadual. Neste caso, pode-se afirmar que a pátria é vista de um lugar, a partir da experiência histórica de uma unidade da federação, do leito paulista. A assertiva histórica é construída a partir da diferença do espaço, de lá e do aqui, pois “o Rio de Janeiro é a capital do Brasil porque é *lá* que está o governo do Brasil”.³⁵

O discurso histórico acerca dos espaços estaduais em Scarameli é permeado pela caracterização, pela apresentação de atributos que tornam visíveis o discurso da diferença. Salienta-se o fato do autor apresentar fotografias ao lado do texto, promovendo mais uma vez a conjunção de uma visibilidade com uma dizibilidade.³⁶ A cidade é apresentada como outra espacialidade, distante, como um elo de alteridade. Ao partir da realidade paulista, as demais unidades da federação são tidas como os outros. Observe as Figuras IV e V.³⁷

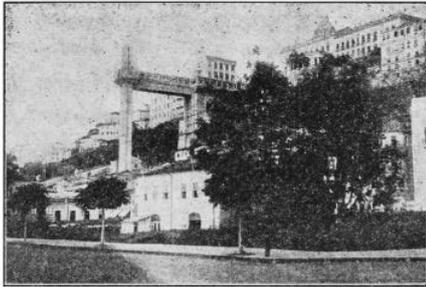
³⁴ SCARAMELI, 1934, p. 13.

³⁵ SCARAMELI, 1934, p. 15.

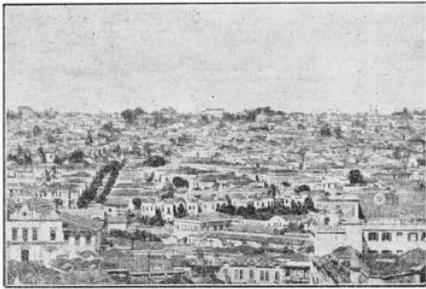
³⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

³⁷ Figuras IV e V: textos e imagens sobre os outros estados brasileiros. Cf. SCARAMELI, 1934, p. 18-19.

— 18 —



S. Salvador (Baía) - Elevador



Porto Alegre (Rio Grande do Sul) - Vista parcial

— 19 —

OUTROS ESTADOS DO BRASIL

- Você sabe o nome de outros Estados do Brasil ?

- Sei, sim. Paraná, Mato-Grosso, Minas Gerais, Baía, Pernambuco, Rio Grande do Sul.

O pinho é madeira do Paraná.

O côco de fazer cocada vem da Baía.

- Ah! já sei! É o côco da Baía.

- Em Pernambuco fazem muito açúcar.

- Você gosta de carne sêca ?

- Eu gosto muito.

- A carne sêca vem do Rio Grande do Sul.

As outras espacialidades, na escrita da história de Scarameli, emergem a partir do uso de cartões postais e da descrição de seus produtos agrícolas. São apresentados como os fornecedores, curiosidades, com imagens que remetem para o passado. Algo totalmente oposto à descrição e às imagens apresentadas no capítulo sobre o estado de São Paulo, tido como a vanguarda, o epicentro da história do Brasil, como pode ser observado nas Figuras VI e VII.³⁸

³⁸ Figuras VI e VII: textos e imagens sobre o estado de São Paulo. Cf. SCARAMELI, 1934, p. 16-17.

— 16 —



Correio Geral de S. Paulo



Monumento da Independência - S. Paulo

— 17 —

O ESTADO DE S. PAULO

Nós estamos no Estado de São Paulo.

O Estado de São Paulo tem cidades bonitas.

- Você sabe o nome de algumas cidades do Estado de São Paulo ?

- Sei, sim. Santos, Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos, Taubaté.

- Qual a cidade mais bonita do Estado de São Paulo ?

- É a cidade de São Paulo.

A cidade de São Paulo é a capital do nosso Estado.

Esse capítulo sobre São Paulo revela a confluência de elementos discutidos até então. É a assertiva que situa o aluno em um espaço específico, com “nós estamos no Estado de São Paulo”, revela a preponderância do mundo urbano, por meio da listagem das principais cidades e mais uma vez não abre espaço para a opinião do aluno, com o direcionamento de que a cidade mais bonita do estado é a capital. Na construção de uma visibilidade espacial, Scarameli não deixa brechas para questionamentos. Mas o espaço paulista apresentado imagetivamente revela outra nuance instigante. As imagens fotográficas expressam duas dimensões atribuídas ao estado paulista: o da vanguarda com a arquitetura moderna e o da centralidade paulista como palco da história do Brasil, por meio do monumento da independência. O livro escolar construía uma narrativa sobre o espaço e defendia uma cultura política paulista ou bandeirante.

UMA CULTURA POLÍTICA BANDEIRANTE

Se São Paulo era o lugar de escrita de Scarameli,³⁹ torna-se salutar entender a profusão de uma possível cultura política. O intelectual que se destacava pela defesa de uma

³⁹ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

renovação do ensino, trazendo uma discussão acerca dos usos dos testes no processo de avaliação,⁴⁰ também estava imbuído de valores compartilhados pela elite intelectual paulista do limiar dos anos 20, de uma cultura política bandeirante. Certamente, essa cultura política apresentada de forma diluída ao longo de toda a escrita da história dos livros escolares de Scarameli, aparece com maior vigor na edição revisada de “Lições de História Pátria para o primeiro ano do curso primário” de 1934. Isso ocorre principalmente na discussão sobre os presidentes do Brasil, que de acordo com o autor “cada presidente deve governar quatro anos”.⁴¹

O referido livro apresenta uma lista de todos os presidentes do Brasil republicano e ainda elucida um capítulo exclusivo sobre D. Pedro II, tido como “brasileiro ilustre, que governou o Brasil quando o mesmo era monarquia”.⁴² Aliás, a obra apresenta uma aparente incongruência. No texto sobre Washington Luiz, Scarameli diz: “Ele é um grande brasileiro. Foi Presidente da República. Que é que faz o Presidente da República? É ele que governa o Brasil. O doutor Washington Luiz governará o Brasil quatro anos”.⁴³ O político que “foi” presidente é apresentado como o homem que “governará” o Brasil por quatro anos. Essa incoerência no uso dos tempos verbais não apareceu como erro, mas sim como denúncia da política nacional, uma resistência a situação vivenciada no início dos anos 30.

Essa afirmativa se torna plausível se considerarmos a forma pela qual o texto apresenta o governo de Getúlio Vargas, no qual elucida o rompimento da democracia e da sucessão presidencial. De acordo com Scarameli:

A Ditadura e a Constituinte

O doutor Washington Luiz deveria ter governado desde 15 de novembro de 1926 até 15 de novembro de 1930.

fora eleito para o substituir o doutor Júlio Prestes de Albuquerque, presidente do Estado de São Paulo.

Mas em outubro de 1930 houve uma revolução que não deixou o doutor Washington Luiz acabar o seu governo, nem, por conseguinte, o doutor Júlio Prestes tomar posse.

⁴⁰ MONARCHA, Carlos. O triunfo da razão psicotécnica: medida humana e equidade social. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Câmara (Orgs.). *Histórias e Memória da Educação no Brasil*. v. 3. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 136.

⁴¹ SCARAMELI, 1934, p. 25.

⁴² SCARAMELI, 1934, p. 37.

⁴³ SCARAMELI, 1934, p. 23.

Os revolucionários tiveram, como chefe do governo, o ditador doutor Getúlio Vargas.⁴⁴

Interessante a forma utilizada no texto para não atribuir legitimidade ao governo de Vargas, apresentado como “ditador” e “chefe” dos revolucionários, sem a atribuição do termo presidente. O livro escolar, adotado nas escolas paulistas, expressa um discurso que defende a resistência. O tempo presente é tido como momento de luta, de esperança de apoio oriundo de outros estados contra as mazelas da ditadura. São Paulo é transformado em um sujeito da história, um elemento que extrapola o sentido de uma unidade da Federação. É o ator que luta em defesa da pátria, contra a ditadura:

O nosso querido Estado de São Paulo esperou muito tempo pelas providências prometidas. (...)

São Paulo, porém, sendo um centro de grande atividade comercial, industrial e intelectual, achava que todos os negócios podiam ser resolvidos (...).

Diante disso, e confiando em que todos os estados o secundariam no seu grande ideal, o Estado de São Paulo levantou-se para obrigar a ditadura a convocar a Constituinte que devia elaborar a nova Constituição.

Com grande desapontamento só se viu apoiado pelo Estado de Mato Grosso.

Nem por isso desanimou, porém.

Todo o seu povo, nacionais e estrangeiros, numa solidariedade inesquecível, desdobrou-se numa grande atividade, dando ao Estado o aspecto de um verdadeiro país em guerra.

Mas as forças da ditadura eram muito superiores e S. Paulo teve que perder.⁴⁵

O estado paulista é personificado, transformado em herói da história, por meio da luta de resistência. O livro elucida o papel que deveria ser atribuído às demais unidades do país: secundário. São Paulo, por sua vez, seria o guia, o propositor do “grande ideal”. A ausência de apoio não é somente apresentada, mas lamentada e tida como uma das causas da derrota para a “ditadura”. Essa derrota, todavia, é louvada como um ato de glória dos paulistas, pois revelou o esforço de solidariedade entre os diferentes grupos que viviam no estado. Esse tema é apresentado em um texto muito mais denso e extenso, expressando também uma preocupação com o processo de inserção do aluno no mundo da leitura.

⁴⁴ SCARAMELI, 1934, p. 31.

⁴⁵ SCARAMELI, 1934, p. 34.

Mas a alfabetização do aluno não era exclusivamente por meio da leitura. Era também uma questão de formação cidadã, patriótica. O paulista era transformado no condutor da história do Brasil. Chama a atenção o registro na qual as ações de resistência dos paulistas teceram um aspecto de guerra. Algumas páginas posteriores, ao caracterizar o Brasil, também em perspectiva personalista, Scarameli atribui como elemento de distinção o fato de ser pacífico.

O Brasil é um país pacífico, quer ser amigo de todos e não quer lutar contra outros países.
Só onde há ordem pode haver progresso e o Brasil, para progredir, quer que todos os brasileiros sejam amigos da ordem.
É por isso que está escrito na bandeira “Ordem e Progresso”.⁴⁶

Diante disso, emerge a dúvida se na escrita de Scarameli o estado de São Paulo não seria parte do Brasil. Apesar das contradições entre o ser pacífico como essência do Brasil e a guerra em São Paulo, o autor evidencia que para existir progresso é necessário “ser amigo da ordem”. Neste caso, a ditadura poderia ser vista como uma ruptura dessa ordem, e a luta passa a ser legitimada como uma tentativa de reestabelecer o progresso no país. A guerra, neste caso, emerge como um instrumento da ordem, do mundo civilizado.

Isso não ocorre em relação às descrições sobre os indígenas, apresentados no livro como o elemento do passado brasileiro, o elo perdido. Na cultura política bandeirante, o indígena é tido como o passado superado e rural, o contraponto ao mundo urbano e civilizado. Na trama dos espelhos, os indígenas emergem como o reflexo oculto, esquecido.

Antes de D. Pedro II
Muitos anos antes de D. Pedro II ser imperador não havia cidades no Brasil.
Havia mato por toda a parte.
No mato se encontravam onças, jacarés, lagartos, raposas, macacos.
E não morava gente no mato?
Morava, sim. No mato viviam os indígenas.
Eles não se vestiam como nós, andavam quase nus.
Os indígenas eram também chamados aborígenes, selvagens ou bugres.
(...)
Os indígenas sabiam atirar muito bem as suas flexas.
Com suas flexas matavam pássaros voando.⁴⁷

⁴⁶ SCARAMELI, 1934, p. 55.

⁴⁷ SCARAMELI, 1934, p. 38-39.

O “bugre” aparece na narrativa histórica como o outro, o sujeito do passado. Todos os verbos elucidam os tempos idos. Além disso, os indígenas são designados como “eles” e não nós. Esse outro emerge em meio a natureza, como um universo selvagem, rural, cercado de mato. Em suma, o “bugre”, na cultura política bandeirante defendida por Scarameli, é o passado derrotado, selvagem, cercado pela natureza e que não a respeita. Pelo contrário, atrai-lhe “uma flexa para matar o pássaro que voa livremente”.

O indígena é o elemento da guerra, da crueldade, pois “os vencedores queimavam as casas dos vencidos. Quando os indígenas pegavam um inimigo, eles o matavam para comer”.⁴⁸ Neste patamar, eles estariam reverberando uma oposição a civilização dos anseios paulistas. Se o Brasil era um país pacífico, amigo de todos, os selvagens eram os atores que queimavam casas e matavam os inimigos para comê-los. O índio aparecia no ensino de história como um contraponto, a imagem inversa da civilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros escolares de história no ensino primário no período da primeira metade do século XX ainda é uma lacuna relevante no âmbito das discussões da história do ensino de história no Brasil. A experiência de escrita empreendida por Scarameli, entre os anos 20 e 30 do século XX, expressa alguns indícios relevantes para pensar o processo de construção e difusão de uma cultura política bandeirante, na qual intelectuais e políticos paulistas tentavam construir uma leitura comum de passado na qual São Paulo era vista como o palco central dos episódios da história pátria.

Os livros escolares de história produzidos por Scarameli revelam questões inquietantes acerca do método de escrita da história para crianças, da apropriação da pedagogia escolanovista e do papel da história como uma lição na orientação e formação do cidadão patriota. As lições mostravam um passado a ser cantado, dos heróis-políticos que foram tomados como exemplos, bem como revelava o passado superado, o contraponto do mundo civilizado, dos indígenas imersos nas matas não mais existentes. Por fim, os livros também elucidaram um projeto de futuro, com um guia que orientava as ações no presente, por meio da defesa da resistência a ditadura de Getúlio Vargas. Os cânones da educação implementados pelo governo paulista coadunavam com os interesses em defesa de uma

⁴⁸ SCARAMELI, 1934, p. 43.

cultura política bandeirante, na edificação de um monumento chamado “lições de história pátria”.